

O STREET WORKOUT É UM ESPORTE EM REDE!: nascer, tornar-se e ser um workouter através das plataformas estéticas e sociais da internet

STREET WORKOUT IS A NETWORKED SPORT!: being born, becoming a workouter, and being one through the aesthetic and social platforms of the internet

Aymane Dahane¹

Université de Toulouse: <https://orcid.org/0009-0002-8364-8234>

DOI: [10.21680/1982-1662.2026v9n43ID44847](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2026v9n43ID44847)

Resumo

Este artigo analisa o fenômeno do Street Workout (SW) como uma prática físico-cultural emergente e digitalmente mediada. A partir de uma abordagem socioantropológica e etnográfica, a pesquisa acompanha a trajetória de jovens praticantes do coletivo Artcorps, em Estrasburgo, mostrando como o SW se estabelece como alternativa às academias tradicionais e se desenvolve por meio das redes sociais. O texto identifica duas formas de conversão corporal: a física, ligada ao treinamento com o próprio corpo; e a digital, relacionada à exposição estética e à construção de identidade em plataformas como Instagram e YouTube. Por meio do estudo de caso de Varren, um atleta que profissionalizou sua prática, o artigo examina a construção de um *capital simbólico* baseado em carisma, estilo e presença online. O SW é compreendido como um *esporte em rede*, articulando valores de resistência, autoformação e estética, servindo como vetor de emancipação e reconhecimento em contextos urbanos populares.

¹ E-mail: aymane2412@gmail.com

Palavras-chave: Street Workout. Cultura física digital. Redes sociais. Identidade corporal.

Abstract

This article explores Street Workout (SW) as an emerging, digitally mediated physical culture. Using a socio-anthropological and ethnographic approach, it follows the experiences of young practitioners from the Artcorps collective in Strasbourg, revealing how SW emerges as an alternative to traditional gyms and evolves through social media. The study identifies two types of bodily conversion: the physical, based on bodyweight training, and the digital, involving aesthetic exposure and identity construction on platforms such as Instagram and YouTube. Through a case study of Warren, an athlete who professionalized his practice, the article examines the development of “symbolic capital” grounded in charisma, style, and digital presence. SW is presented as a “networked sport” combining values of resistance, self-training, and aesthetics, functioning as a vehicle for emancipation and recognition in urban popular contexts.

Keywords: Street Workout. Digital physical culture. Social media. Body identity.

Introdução: da *rua* para o *mundo* - uma cultura física emergente e alternativa entre o corpo, a rua e a internet

No início dos anos 2000 e na era da *Web 2.0*, em meio à crise econômica e à explosão da cultura *Gangsta Rap*, o *Street Workout*² (SW) com sua estética e espírito alternativos apareceram no nascente canal do YouTube. Na época, pioneiros como *Giant*, *Make-tricks*, *Animal*, *Moms*, *2Thousand*, *Hannibal*, *Mike 240* e *Doc*, entre outros, transmitiam seus treinos dos guetos de Nova York. Esses *atletas* mostraram

² **Nota do tradutor:** adotaremos a expressão inglesa *Street Workout* em vez da tradução literal *Treino de Rua*, em português, pois se trata de termo estabelecido nos estudos sobre práticas corporais ao ar livre.

que era possível desenvolver músculos usando o mobiliário urbano e o peso do próprio corpo, sem precisar depender de academias pagas e de seus equipamentos.

O SW se desenvolve há mais de uma década. Ele evolui à sombra de uma cultura física dominante, globalizada e mercantil. Esta última, enraizada na cultura popular (Fiske, 2010), é onipresente nas redes sociais. Ao mesmo tempo, o SW emerge como uma "cultura física pós-esporte" (Atkinson, 2010) e um objeto de mídia. Ele atrai entusiastas de todo o mundo. Sua filosofia de treinamento incentiva a reflexão sobre a força do corpo e o treinamento sem pesos (Cf. Figura 1). Promove a adaptação, a criatividade, o compartilhamento, a união e o respeito pelos outros em uma vasta comunidade chamada por seus seguidores de *família do street workout*.

Figura 1 - Captura de tela do início do Street Workout



Fonte: YouTube (2013).

Os franceses estão entre esses praticantes. Desde o início da década de 2010 e os primeiros *workouters* de bairros populares, o SW evolui. Ele passa de uma fase *underground* (2010-2015) para uma era *mainstream* (2015 até os dias atuais) marcada por *batalhas* e pelo advento de uma identidade de prática de *estilo livre*, representando sua evolução mais recente. Essa transição reflete uma dinâmica global marcada por questões fundamentais: o reconhecimento e a legitimidade do SW, a demanda por estruturas dedicadas (parques de SW em particular), a organização de competições e a expansão de seu público (homens mais velhos, mulheres, áreas rurais etc.). Mas como esses desenvolvimentos são percebidos e estudados pela comunidade

científica? A pesquisa conseguiu captar e analisar o boom do SW da mesma forma que o fez com o fisiculturismo tradicional?

Em primeiro lugar, o objeto SW ainda está em emergência na França (Bolens & Mueller, 2020; Dahane, 2022, 2023, 2024; Lechby & Robène, 2020; Mueller, 2016), ao contrário da abundante literatura sobre fisiculturismo, que reflete sua predominância cultural. Por esse motivo, este artigo faz parte de estudos dedicados à musculação (Perera, 2017; Vallet, 2014), frequentemente atentos às academias como o *único* espaço para moldar corpos e identidades.

Em segundo lugar, dadas as características específicas do SW, este artigo também se insere nos trabalhos sobre esportes auto-organizados e atividades urbanas. Embora esse espaço seja dominado (Lefebvre et al., 2013; Riffaud, 2018) por uma série de atividades (skate, BMX, etc.), o presente trabalho está mais alinhado com estudos sobre atividades como *futebol de rua* (Travert, 2003) e *parkour* (Lebreton et al., 2010). Em última análise, este artigo também está vinculado aos temas de digitalização de esportes (Soulé et al., 2022) e culturas populares (Grignon & Passeron, 1989; Hall, 2018) disseminadas na Internet.

Além disso, de uma perspectiva socioantropológica, o SW é visto como uma *técnica corporal reflexiva* (Crossley, 2004; Mauss, 1936) e uma *prática estética* (Carpigo & Prado, 2023). Ao examinar as normas corporais de um ângulo crítico e sociológico, este artigo também adota uma abordagem antropológica. Ele visa a uma abordagem abrangente e empática para não essencializar e matizar os tipos de práticas corporais e estéticas.

Com isso em mente, o objetivo deste artigo é explorar como os *workouters* usam as redes sociais para construir e se distinguir, e como elas moldam a experiência estética e a prática geral do SW em um contexto urbano e digital.

Assim, a primeira parte deste trabalho destaca como os praticantes em busca de significado, identidade e transformação corporal se envolvem com o SW como uma alternativa às academias. Esta seção examina como a descoberta visual do SW desperta interesse e incentiva a imitação de modelos para se tornar um praticante de exercícios físicos.

Ela revela uma forma inicial de conversão corporal induzida pelo treinamento físico e o estabelecimento de uma *matriz de reflexividade* na qual os *smartphones* desempenham um papel central.

Também analisa uma segunda forma de conversão, a da digitalização de corpos, em que *os workouters* se tornam parte de uma vasta comunidade espalhada pela Internet e suas redes sociais. Concentrando-se nessas plataformas, esta seção explora como essas ferramentas moldam individual e coletivamente percepções, identidades e estéticas, ao mesmo tempo em que formalizam a busca do SW por surgimento e reconhecimento.

A segunda parte deste artigo, usando os conceitos de *esporte de rede* e *carisma*, concentra-se na carreira de um *atleta* que simboliza a busca pela profissionalização em um mundo emergente de SW. Ela mostra como um indivíduo constrói uma carreira como *competidor*, revelando uma construção de identidade dupla que afeta *os workouters* em sua busca. Em seguida, usando os termos *portfólio artístico* e *capital de credibilidade e legitimidade*, a seção examina as estratégias que permitem às pessoas se diferenciarem de outros *workouters*. Por fim, ela mostra como determinado conteúdo digital ajuda a construir um capital simbólico que é essencial para a profissionalização no SW.

Método: por uma workout-grafia entre diferentes dimensões e espaços

Os dados provêm de uma tese sobre o SW, realizada entre 2016 e 2019, em uma sala de um centro sociocultural (CSC) que se tornou um ponto de encontro inevitável em Estrasburgo. Durante esses anos, no coletivo *Artcorps* - frequentado por jovens (14 a 29 anos) do bairro de Elsau, mas também de outras áreas populares da região metropolitana -, o ritmo dessas observações baseou-se na participação nos treinos (pelo menos três vezes por semana) combinada com outros momentos (organização de torneios internacionais, demonstrações de freestyle e apresentações de projetos, festas comunitárias e momentos de convívio).

Essa experiência e essas observações de interações sociais e aprendizagem inspiradas por uma etnografia urbana e carnal (Wacquant, 2002) foram capturadas

usando ferramentas como o corpo do pesquisador, uma câmera esportiva e um *smartphone* com todas as suas funções (anotações, gravações de som, fotos/vídeos, internet e GPS).

Além dos dados produzidos *in situ*, a investigação exigiu uma variedade de perspectivas, semelhante a outros estudos sobre SW (Bolens & Mueller, 2020; Lechby & Robène, 2020; Mueller, 2016) e esportes urbanos como skate (Cretin, 2007; Glauser, 2010) e parkour (Kidder, 2012; Prévitali et al., 2014). A Internet e as redes sociais serviram como campos complementares para este estudo, alinhando-se às abordagens de "etnografia na Internet" (Berry, 2012), digital e visual (Pink, 2015).

Esse estudo incluiu a imersão ativa em vários sites, fóruns e redes sociais, concentrando-se em várias facetas do coletivo *Artcorps* e de seus membros, como tipos de plataformas, interações e localizações geográficas. A observação foi estendida a outros grupos e atores do SW, tanto em nível nacional quanto internacional.

Por fim, os dados multimídia foram submetidos a uma análise de conteúdo abrangente (Geertz, 1998; Weber, 2003), semiótica (Hebdige, 2008) e sinestésica (Piette, 1996) que se beneficiou de uma triangulação (Flick, 2018) com os dados *in situ* para aprimorar a reflexividade e a interpretação. Além disso, as expressões indígenas estão em *itálico* para dar mais profundidade à análise empírica.

O Street Workout como uma busca de significado, identidade e desejo de conversão corporal em um mundo urbano conectado e estético

Nas "carreiras" (Becker, 2006) dos jovens *workouters* na sala *Artcorps*, suas motivações e compromissos são baseados em uma matriz que desempenha um papel central no SW e, de forma mais ampla, em suas vidas. O corpo, dotado de significado, interage e atravessa diferentes ambientes físicos e sociais. Ele evolui e é moldado ao longo da vida, conforme demonstrado por vários estudos sobre o corpo (Crossley, 2004; Darmon, 2006; Featherstone & Turner, 1999).

É por isso que, em meio ao desejo e à necessidade de transformar uma vida cotidiana muitas vezes percebida como "banal", é ainda mais interessante considerar que essa prática que expressa o desejo de uma "mudança de estado" (Van Gennep,

2011) ocorre principalmente em momentos biográficos em que esses jovens estão passando por momentos de crise e incerteza existencial, como a adolescência e o período da vida dos jovens adultos marcado pela questão da autonomia. Esses momentos de crise existencial, que podem ser descritos como "pontos de virada na vida" (Lesourd, 2009) podem ser isolados ou conectados (conflitos com a família, decepção amorosa, sentimentos profundos de tédio, desemprego, vícios, morte etc.), são marcados por formas de fracasso e decepção pessoal em que o corpo se torna o receptáculo. Em outras palavras, é possível dizer que a musculação e o SW simbolizam uma busca social por estabilidade e realização em suas vidas.

Portanto, o primeiro encontro com o SW geralmente é feito por dois meios que podem interagir. O primeiro é virtual. As pessoas, sozinhas ou acompanhadas, encontram por acaso vídeos do SW propagados em *feeds* de mídia social. Como os *workouters* costumam dizer, esse conteúdo se torna inspirador por meio dessa encenação viral em que certos *heróis* e *lendas* deixam sua marca.

Aqui, vale ressaltar um pequeno contexto, que se deu durante a preparação para uma conferência em que Nevin (24), um *atleta* competitivo e antigo membro do *Artcorps*, foi convidado para falar sobre SW. Enquanto assistia a um vídeo, com fervor e entusiasmo, ele começou a falar comigo sobre momentos de determinados vídeos que o inspiraram. Em particular, ele ficou marcado por um vídeo de Frank Medrano em que ele desafia a gravidade da Terra com sua "caminhada no ar"³. "Veja isso! Veja isso! Eu estava pensando, isso é impossível de fazer! Veja, veja isso!" (Extrato do caderno de campo - 12/02/19).

A segunda maneira é encontrar a atividade em *carne e osso* por meio de torneios ou pessoas que você conhece na área local. Mas, além do encontro *casual*, muitas vezes parece que os indivíduos são influenciados por mentores. Esses mentores geralmente vêm de um círculo *masculino* particular da família (irmãos, primos etc.) ou de amigos na vizinhança, na escola, no trabalho e em outras ocasiões que a vida cotidiana pode oferecer. Eles desempenham um papel importante no aspecto motivacional, pois podem acompanhar os *workouters* em seus primeiros passos e durante toda a jornada. Esses iniciadores transmitem o desejo de praticar e os

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mvJHw64fxgQ>. Acesso em: 18 ago. 2026

rudimentos dessa técnica corporal. É até comum que as pessoas façam uma sessão experimental para descobrir a atividade por meio da prática.

Tendo descoberto o SW, seja por meios virtuais, como as mídias sociais, ou por encontros físicos, e muitas vezes influenciados por mentores, os *workouters* vivenciam esse primeiro encontro como uma verdadeira revelação. Essa experiência é frequentemente emocional (Lebreton et al., 2010) e estética (Maquet, 1993), marcada por um "choque visual" (Cretin, 2007), vendo lendas do SW como *Hannibal For King* e *Frank Medrano*. Essa sequência inicial de inspiração costuma ser o ponto de partida da prática do SW, despertando um "fogo interior" e um desejo de imitar o "carisma" (Weber, 2003) e a *postura* desses modelos, marcando assim o início de sua própria busca pela transformação do corpo e realização pessoal.

Além disso, nessa orientação e construção de um gosto (Bourdieu, 1979) pelo SW, é importante considerar que os *workouters* podem ser motivados por um protesto (ou até mesmo uma subversão) da musculação tradicional. Esses motivos incluem a rejeição do espírito individualista e do ascetismo das academias, bem como o desejo de escapar de emoções e sensações que se tornaram redundantes, entediantes e "miméticas" (Elias & Dunning, 1994) a outras experiências da vida cotidiana. Isso ressalta a necessidade de mudança e a atração por novas experiências que o SW pode oferecer.

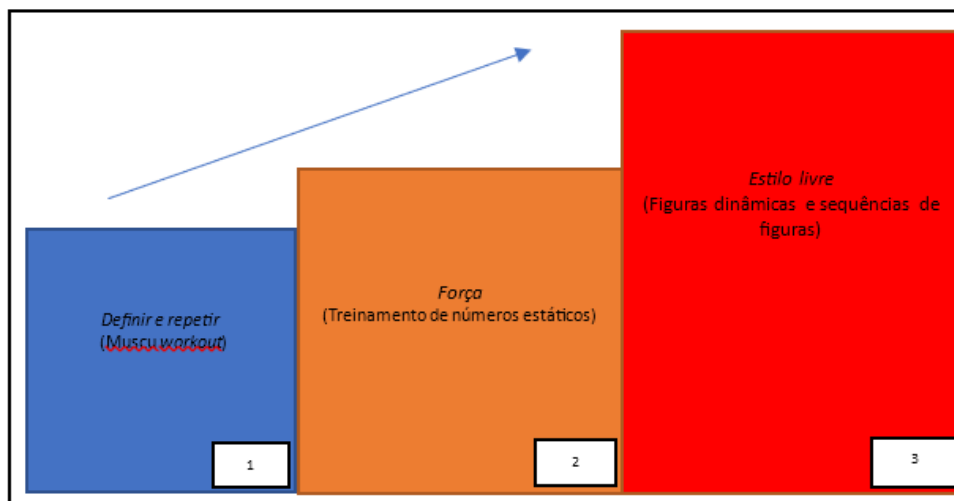
Consequentemente, esse momento de comprometimento (Becker, 2006) com uma "paixão" (Bromberger, 2002) é comparável a muitas práticas mais ou menos diretamente relacionadas ao SW, como musculação (Bey, 2014), danças hip-hop (Faure, 2004; Kauffmann, 2010), esportes de combate (Quidu, 2019) e outros "esportes" de rua (Cretin, 2007; Toscano, 2020).

Os indivíduos começaram então a colocar em prática o início de uma forma de projeto de autotreinamento pessoal (Dumazedier, 1986) com um objetivo inicial compartilhado por todos: *construir músculos* e desenvolver um corpo capaz de resistência, força e beleza.

Como resultado, embora o SW tenha sido observado como uma atividade livre, há uma forma de esquema de autotreinamento que pode ser descrita como "clássica", na qual se trata de proceder em estágios (Cf. Figura 2). O primeiro estágio é

essencial, pois permite que você construa um corpo e uma mente capazes de levantar seu próprio peso.

Figura 2 - Diagrama clássico de progressão por etapas



Fonte: elaboração própria (2024).

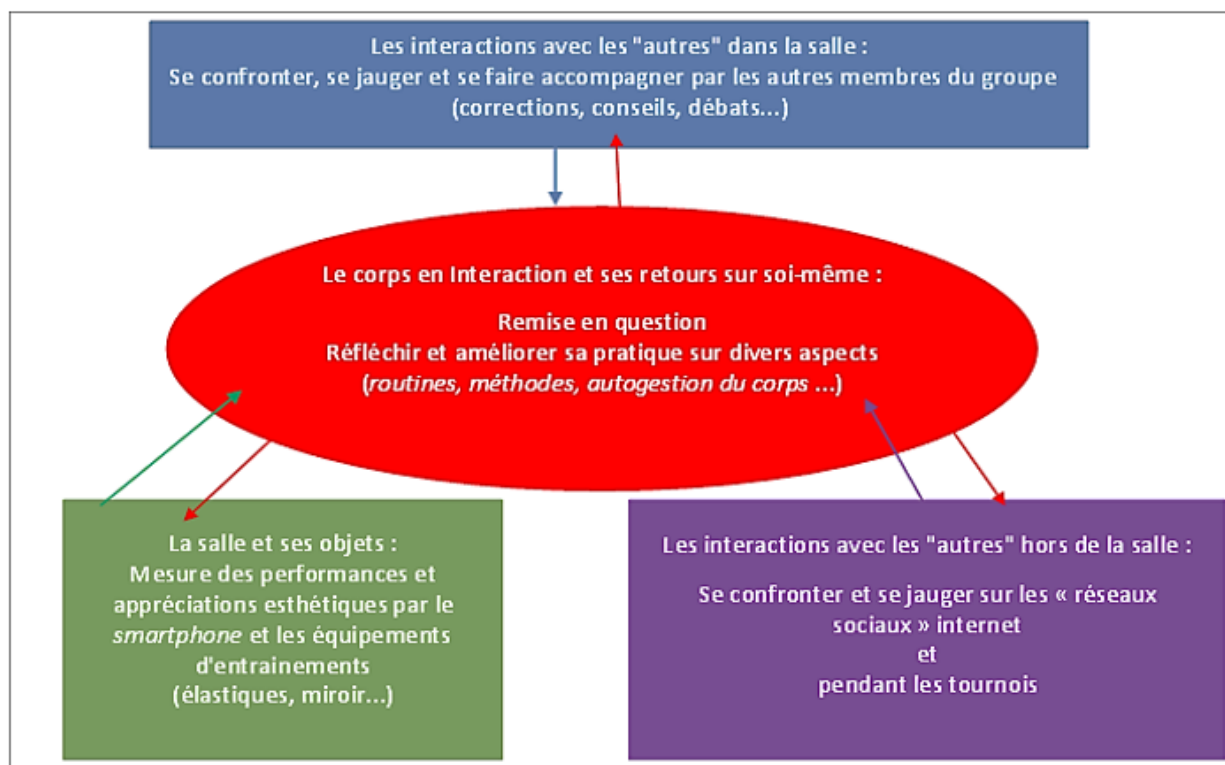
Essa primeira fase de experimentação envolve o aprendizado por "desova" (Delbos & Jorion, 1990). Os muitos *workouters* com os quais entramos em contato (em todos os níveis) começam com esse estágio crucial, quando começam a entender que saber como levantar o peso corporal se torna: "um hábito que se torna uma segunda natureza" (Delbos & Jorion, 1990, p. 12).

Simplificando, a "série e repetição" ou "treino muscular", como diriam os veteranos do grupo, esse "rito preliminar" (Van Gennep, 2011) de conversão corporal (Darmon, 2006) consiste em "treinar" (Mauss, 1936) o corpo para que ele seja capaz de levantar e controlar o peso do corpo.

Além disso, em segundo plano, os *workouters* desenvolvem uma dimensão reflexiva à qual se referem de várias maneiras: *voltar, refletir, quebrar a cabeça, questionar a si mesmos*. Em outras palavras, para evoluir em uma prática comparável a uma espécie de labirinto repleto de desafios, eles precisam começar a tomar consciência, racionalizar e objetivar essa atividade para refinar o domínio do SW.

É assim que *os smartphones* ligados à Internet se tornam centrais para a implementação de uma forma de "matriz de reflexividade" (Dahane, 2024) . Muito mais do que servir como uma forma de autodocumentação permanente sobre os conhecimentos técnicos, corporais (nutrição, cuidados, recuperação) e culturais do SW, essa ferramenta se torna um verdadeiro catalisador para essa matriz (Cf. Figura 3).

Figura 3 - A matriz de reflexividade do SW e suas dimensões



Fonte: elaboração própria (2024).

No entanto, muito mais do que apenas uma ferramenta essencial para aperfeiçoar o treino, esses smartphones revelam uma segunda forma de conversão corporal. Nesse estágio, precisamos explorar como os *workouters* digitalizam seus corpos para se mostrarem ao mundo e se tornarem parte de uma vasta comunidade *on-line*.

Nessa busca pelo progresso, que está gradualmente tomando forma como uma fotografia, está surgindo um processo de aprendizado experimental, no qual a mídia

"conectada" e os smartphones vinculam as experiências corporais tangíveis dos SW e suas vidas ao conteúdo digital e simbólico:

Já vai ser complicado saber o que você vai fazer lá na frente, quando estiver no banco dos réus. Se você não olhar para o que pode fazer. E o lado bom das redes sociais é que elas permitem que você veja o que seu corpo é realmente capaz de fazer. Quando você vê pessoas fazendo coisas que são basicamente impossíveis para você, você diz que é possível, entende? Você coloca algo real sobre algo que está apenas em sua cabeça (Jim, primeiro membro do *Artcorps* desde 2014, nível "básico", trecho do caderno de campo - 14/11/18).

Os *workouters*, que evoluem de acordo com uma forma de "identificação" e "projeção cinética imaginativa" (Bolens & Mueller, 2020) , começam a desenvolver um repertório técnico individual (Becker & Faulkner, 2006) assim que se sentem prontos para se mostrar. Essa transição da intimidade para a expressão pública envolve a transmissão de suas experiências, emoções, percepções e representações (Jodelet, 2003) .

Em um mundo em que a digitalização da atividade física está se tornando generalizada (Soulé et al., 2022) , essa fase "liminar" (Van Gennepe, 2011) transforma o corpo em dados digitais e visuais por meio de *smartphones*. A principal motivação é melhorar a prática expondo-se à avaliação dos colegas. Também se trata de exibir suas habilidades. Mas, por trás desses processos, há um ato de formalização da prática e a adesão a uma vasta comunidade que vai do local ao internacional.

Para marcar essa transição simbólica e separar essa atividade de suas vidas diárias, os entusiastas do SW criam contas dedicadas ao SW em várias plataformas (*YouTube, Facebook, Snapchat, Instagram, TikTok...*). Cada conta é definida por uma foto e um pseudônimo que resume a identidade do indivíduo, incluindo nome, origens, estilo, local e inspirações. O uso das plataformas varia de acordo com seus recursos e propósitos específicos, conforme mostrado no Quadro 1.

Quadro 1 - Redes e funções sociais comuns e diversas

Plataforma utilizada	Usos e funções
YouTube	Distribuição de vídeos longos: publicação, formatação e compartilhamento de conteúdo.
Instagram	Distribuir vídeos curtos, "histórias" e "diretos": publicar e formatar conteúdo de vídeo/foto e experiências estéticas mais curtas para pequenos grupos e para a comunidade mais ampla do Instagram.
Snapchat	Para transmitir vídeos efêmeros para círculos restritos.
Facebook	Para promover e disseminar informações: publicar conteúdo de foto/vídeo e texto.

Fonte: elaboração própria (2024).

Entre esses espaços digitais, mesmo que os *workouters* estejam buscando uma forma de onipresença para serem o mais visíveis possível, a plataforma Instagram, preferida pelos *influenciadores*, é a mais popular. Ela reúne uma comunidade de SW grande, participativa e internacional, composta por grupos e indivíduos (de campeões a praticantes de exercícios mais anônimos).

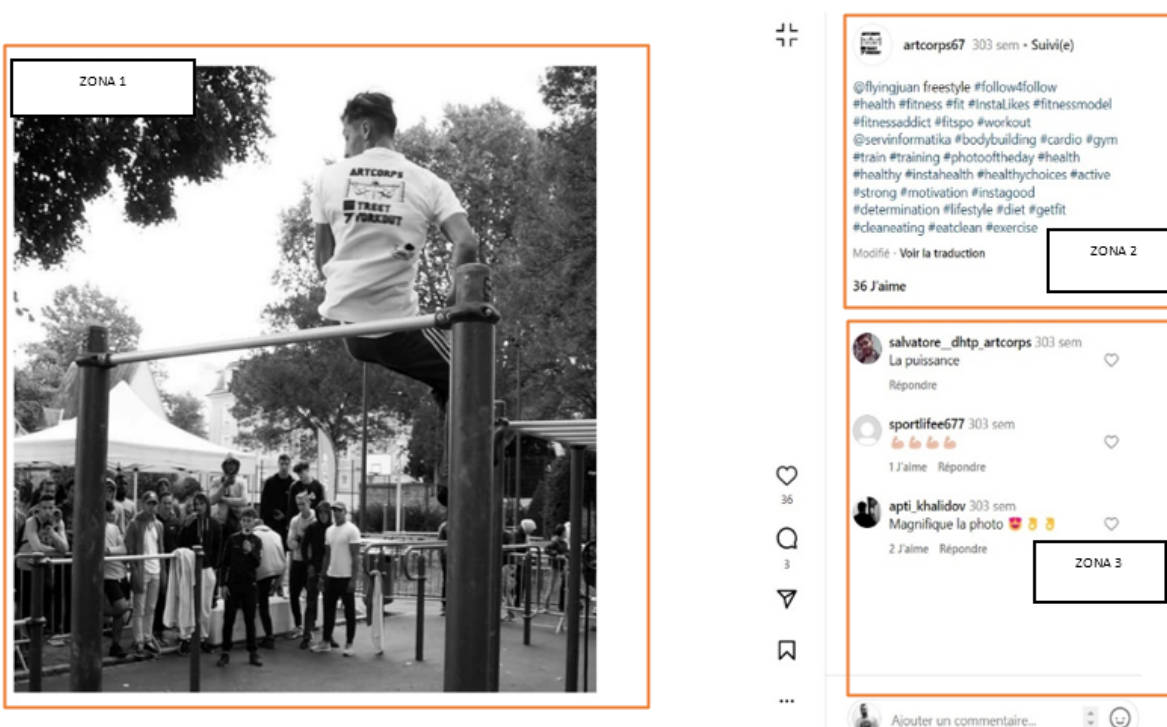
De fato, ao contrário de uma época não muito distante, quando o *YouTube* era amplamente usado por *entusiastas de exercícios*, a plataforma do *Instagram* se tornou mais importante por dois motivos. O primeiro é que a plataforma foi projetada especificamente para *smartphones* e para a formatação estética de fotos/vídeos.

Com um fluxo incessante de fotos publicadas, o *Instagram* reúne várias comunidades com suas próprias estéticas e sensibilidades. Em segundo lugar, esse aplicativo adaptado ao SW e suas especificidades permite que ele seja exposto e aumente sua visibilidade em um espaço virtual ocupado por uma juventude internacional apaixonada por outras atividades com estéticas mais ou menos

semelhantes e relacionadas ao TS (musculação, hip-hop, esportes de combate, videogames...).

Seja antes, durante ou depois das sequências de ação na academia e em outros espaços ao ar livre, os *workouters*, agindo individualmente ou em pequenos grupos, revelam-se estetas em busca constante de uma experiência estética e emocional. Com o objetivo de criar um *feed* (fluxo/grade de fotos) harmonioso e artístico, esses aprendizes de fotógrafo e cinegrafista reuniram cuidadosamente uma grande quantidade de conteúdo a partir de fotos instantâneas e posadas (para figuras estáticas) e vídeos (para figuras dinâmicas e, especialmente, *freestyles*) tirados durante as sessões de treinamento e torneios (Cf. legenda da Figura 4).

Figura 4 - Um dos membros da *Artcorps* em pleno voo!



Fonte: Instagram (2018).

Legenda da análise de conteúdo da Figura 4:

Zona 1 - Durante um torneio, Juan executa seu combo de estilo livre, incluindo um 360, capturado pela foto. Os freestyles, que são uma série de truques coreografados por ele mesmo, geralmente são capturados em vídeo.

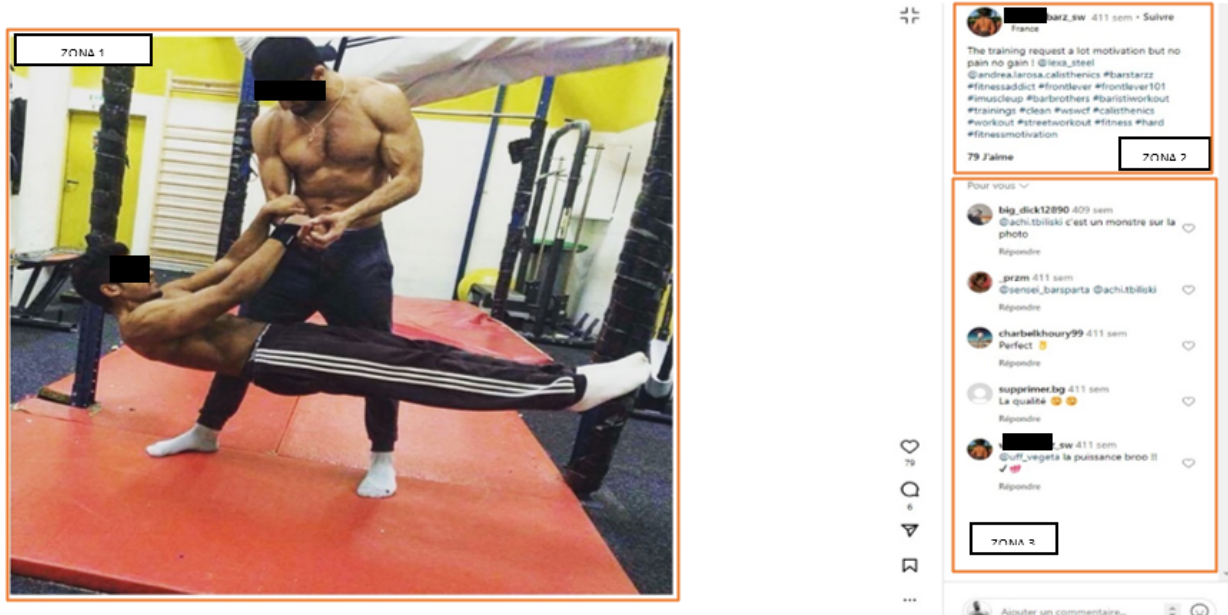
Aqui, por meio de efeitos de contraste e pureza, como o preto e o branco, também é possível ver sequências capturadas por fotografia. O objetivo é destacar gestos, técnicas e estéticas aéreas, fluidas e explosivas.

Zona 2 - Quanto às *hashtags*, elas são usadas para indicar estados de espírito, referências, significados, gostos e classificações.

Zona 3 - Por fim, *as curtidas* e os corações permitem que outros *workouters* e os não-praticantes deem sua opinião e feedback sobre o conteúdo.

Claramente, durante essas situações de "educação informal e estética", o ato de montar uma publicação com seus vários elementos (imagem, som, vídeos, emoji, texto, #hashtag/palavras-chave) e de moldá-la (luz, contraste, filtros etc.) permite a exibição de uma estética variada entre corpos atléticos, movimentos estático-simétricos, figuras acrobáticas e explosivas e *estilos livres*. Isso ajuda a desenvolver e manter um senso prático e estético (Bourdieu, 1979) do SW, alimentando um certo prazer que é uma fonte de progresso em uma atividade difícil. Ao trabalhar o conteúdo, essa forma de autoconfrontação repetitiva leva a um "julgamento estético" (Bourdieu, 1979), possibilitando a avaliação do corpo masculino, das figuras, do *estilo* e do *carisma*. Mas, além de se exporem em um espaço virtual, essas interações permitem que eles aperfeiçoem, realizem e refinem uma sensibilidade e uma percepção estética geral de seus próprios estilos de roupas (esportivas/streetwear), penteados e musculaturas atléticas e móveis e, de forma mais ampla, sua existência nesse mundo contemporâneo e digitalizado (Cf. Legenda da Figura 5).

Figura 5 - Exibindo seu estilo, poder e determinação



Fonte: Instagram (2016)

Legenda da análise de conteúdo da Figura 5:

Zona 1 - Nesta foto tirada no saguão, o estilo corporal do SW é destacado não apenas por uma figura emparelhada que simboliza solidariedade e amizade, mas também por um corpo definido e musculoso com veias visíveis.

Além disso, com o tronco geralmente visível em detrimento das pernas, há um certo estilo de vestimenta esportiva/streetwear (agasalhos, tênis etc.) em que há uma questão de roupas DIY incorporando certos sinais e símbolos que marcam vários traços de identidade (religião, origens, paixões, território etc.). Por fim, em termos de enquadramento e de fundo, a luz e o ambiente da sala "Artcorps" estão lá para reforçar um aspecto estético.

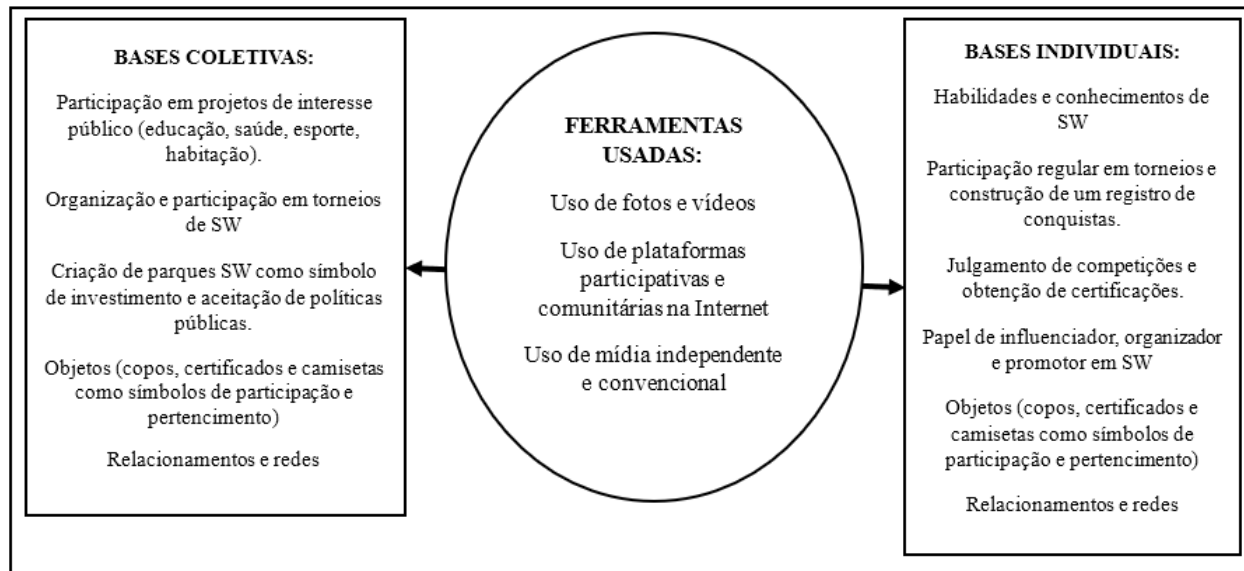
Zona 2 - As *hashtags* (palavras-chave) podem ser usadas para listar e fornecer informações adicionais sobre inspirações, figuras, emoções, sensações, significados e referências ligadas ao SW e, de forma mais ampla, às culturas populares.

Zona 3 - Os comentários estão lá para dar opiniões e sentimentos sobre o conteúdo. Com texto e emoticons, os vários comentários permitem que você julgue e pratique uma forma de autorreflexividade e heterorreflexividade. Em outras palavras, é uma questão de manter um equilíbrio entre suas sensibilidades, mas também de se adequar às convenções e aos padrões de outros *workouters* que julgarão suas produções de acordo com critérios compartilhados de "beleza".

Além disso, parece que, individual e coletivamente, uma forma de capital simbólico está sendo construída (Bourdieu, 1979) . Isso assume a forma da construção

de *carisma*, um *capital de credibilidade e legitimidade* e é articulado em torno de uma estratégia de *portfólio artístico*, inspirada no campo artístico e em outros setores profissionais (Cf. Figura 3). Por meio dessa noção êmica, os *workouters* veem os espaços virtuais como uma espécie de currículo e álbuns em que esses modelos e artistas exibem constantemente suas provas.

Figura 6 - Diagrama do conteúdo do capital de credibilidade e legitimidade do SW



Fonte: elaboração própria (2025).

Nessa "estrutura de experiência virtual" (Berry, 2012) e "autorrepresentação" (Goffman, 1990) , todos esses indivíduos com contas e avatares que marcam uma identidade digital (Blanc, 2021) formam, assim, uma vasta comunidade de prática estética e afetiva (Appadurai, 1996). O único imperativo central é "publicar" para nutrir uma lógica entre as dimensões individual e coletiva de dar/contra dar (Caillé, 2013) .

Em outras palavras, as contribuições digitais como um todo refletem a dinâmica das sessões de treinamento e dos torneios observados *in situ*, onde todos nutrem um conhecimento, uma imaginação, uma motivação e um estilo de SW produzidos por formas complexas de "bricolagem" (Hebdige, 2008) . Isso revela uma forma de tipologia geral com publicações que contêm formas de encenação corporal, códigos,

convenções, normas e significados vinculados à *subcultura* física do SW (Cf. Quadro 2).

Quadro 2 - Os 6 tipos e funções de fotos/vídeos

Tipo	Corpo	Figuras individuais e estilo livre	Figuras em grupo	Foto de reunião "Família do workout"	Amizades e laços fraternos	Admiração e hierarquia "Foto de fã"
Descrição	Expor o corpo, a musculatura e o estilo	Exibir suas figuras e movimentos durante o tempo (treino, demonstrações, torneios)	Figuras executadas a dois ou em grupo	Reuniões coletivas no formato de foto de família	Reuniões reduzidas e individualizadas no formato de fotos de amizade	Encontros com praticantes de workout de alto nível
Convenções corporais e de formatação o midiática	Músculos definidos e secos, sem tecidos adiposos aparentes	Figuras estáticas em linha reta	Figuras estáticas em linha reta	Proximidade e corporal e sorrisos	Proximidade, sorrisos e gestos fraternos	Proximidade e gestos fraternos
	Fotos nítidas e suaves	Figuras dinâmicas exploradas, rápidas, com recepção na barra	Fotos nítidas e suaves	Fotos nítidas e suaves	Fotos nítidas e suaves	Fotos nítidas e suaves
	Formatação o fotográfica (luz, cor, contraste..)	Fotos nítidas e suaves	Formatação fotográfica (luz, cor, contraste...) e videográfica (câmera lenta, aceleração..)	Formatação fotográfica (luz, cor, contraste..) e videográfica (câmera lenta, aceleração..)	Fotos nítidas e suaves	Formatação fotográfica (luz, cor, contraste...) e videográfica (câmera lenta, aceleração...)

	Presença de descrição, hashtag (palavras-chave) e comentários nas publicações	Presença de descrição, hashtag (palavras-chave) e comentários nas publicações	Presença de descrição, hashtag (palavras-chave) e comentário s nas publicações	Presença de descrição, hashtag (palavras-chave) e comentário s nas publicações	Presença de descrição, hashtag (palavras-chave) e comentários nas publicações	Presença de descrição, hashtag (palavras-chave) e comentários nas publicações
Função e significado	Exibir-se, provar seu valor e inspirar	Exibir-se e provar seu valor, inspirar os outros, retorno reflexivo	Expressar a dimensão de solidariedade e partilha do treino	Expressar a dimensão coletiva e o espírito de família do workout	Expressar relações e afinidades particulares	Expressar respeito, admiração e posições hierárquicas

Fonte: elaboração própria (2025).

De qualquer forma, essa tipologia reflete uma forma de "configuração" (Elias & Dunning, 1994) de um microcosmo emergente de SW, combinando vínculos amigáveis e competição. Desde que os primeiros vídeos foram publicados no início dos anos 2000, está ocorrendo um processo de produção/recepção e codificação/decodificação (Hall, 1994). Isso está levando a um processo de formalização e objetivação de um SW baseado nas experiências físicas de treinamento e *batalhas* e nas experiências virtuais das redes sociais da Internet.

Depois de explorar o processo de digitalização e as formas de encenação e execução do SW, é hora de olhar para os *workouters* que buscam a profissionalização nesse *esporte em rede*, intrinsecamente ligado à dimensão virtual para sua disseminação, aprendizado, comunidade e profissionalização. Guiadas por uma certa busca de emancipação, reconhecimento e construção de identidade por meio de várias formas de bricolagem (identidade, prática, cultura), as redes sociais estão se tornando muito mais do que um espaço de expressão, mas também uma ferramenta crucial para a profissionalização.

O Street Workout como um esporte de rede: o caso do campeão da academia *Artcorps*

Tornar-se um *atleta* bem-sucedido é uma jornada complexa que exige total investimento físico, emocional e virtual. Portanto, para entender melhor a busca desses *atletas competitivos*, é interessante focar no exemplo significativo do *campeão* da academia *Artcorps* e sua carreira ascendente em competições de *batalhas de estilo livre*. Por meio desse caso, é possível analisar não apenas a construção de uma identidade de *workouter*, mas também a de uma identidade masculina originária dos meios populares e, de forma mais ampla, o desenvolvimento do SW.

Varren, que está no clube desde 2012/2013, é de origem mauriciana e mede 1,70m com 68 kg de músculo seco (Cf. Legenda da Figura 7). Ele vem de uma família numerosa que vive em um bairro popular perto de Elsau.

Figura 7 - Varren exibe com orgulho sua transformação em SW!



Fonte: Instagram (2015).

Legenda da análise de conteúdo da figura 7:

Nesse tipo de publicação, que é representativa de outras publicações no microcosmo da SW e mais amplamente no Instagram, o "desafio de transformação" consiste em mostrar seu progresso muscular e seus resultados ao longo do tempo.

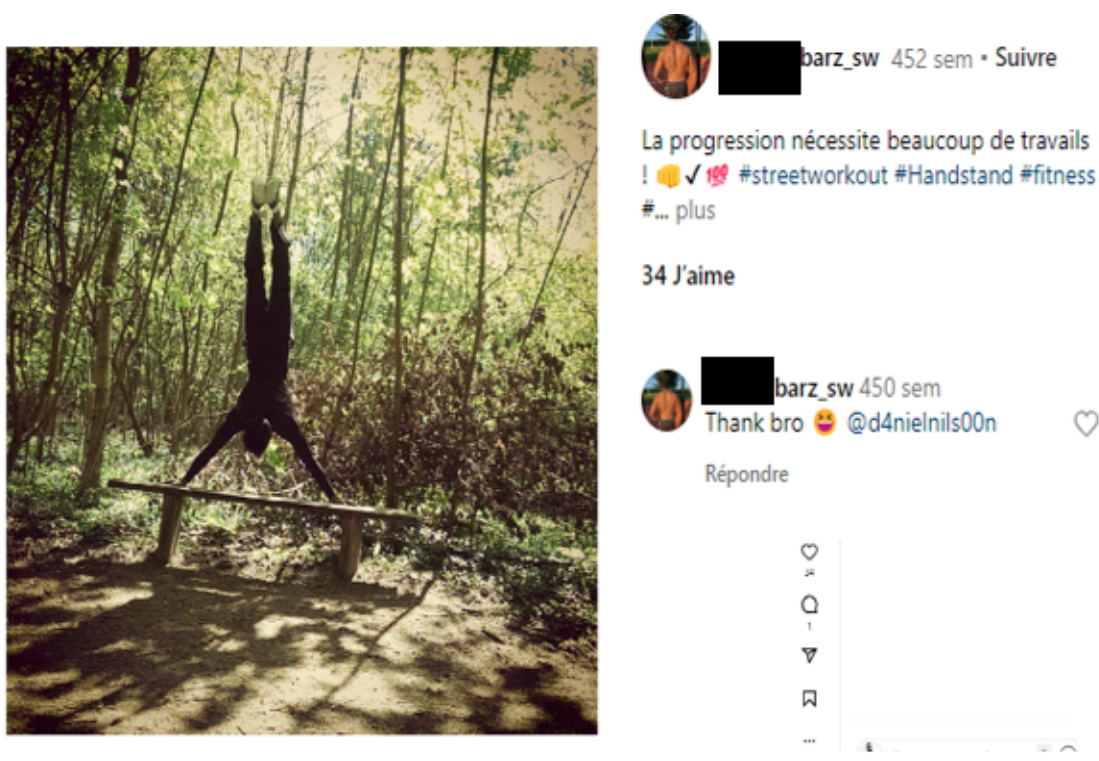
Seu pai é eletricista aposentado e sua mãe é faxineira. Por volta dos 17 anos (em 2012), ele começou a treinar por um ano e meio em uma academia, com o objetivo de transformar um corpo que considerava magro, apesar de praticar kickboxing e futebol.

No entanto, ele achava essa atividade entediante, refletindo seu desgosto com a escola, que terminou com sua reprovação na prova de recuperação para o curso técnico profissionalizante em engenharia elétrica.

Esse período de insucesso escolar coincidiu com a descoberta de vídeos de *Hannibal* no YouTube, que ele descreve como o gatilho (Crétin, 2007) para uma paixão que o levaria a praticar atividade física ao ar livre no início, antes de finalmente conhecer o salão no inverno de 2014 com sua equipe *Strassbar*.

A partir daí, tanto individualmente quanto com sua *equipe*, suas primeiras postagens no Facebook e no YouTube demonstravam certo desejo de impressionar e receber elogios, principalmente exibindo seus números espetaculares, sempre acompanhados de músicas e textos motivadores que defendiam o desejo e o amor pelo treinamento (Cf. Legenda da Figura 8).

Figura 8 - Mostre sua motivação e inspire outras pessoas a seguirem o mesmo caminho



Fonte: Instagram (2015)

Legenda da análise de conteúdo da figura 8:

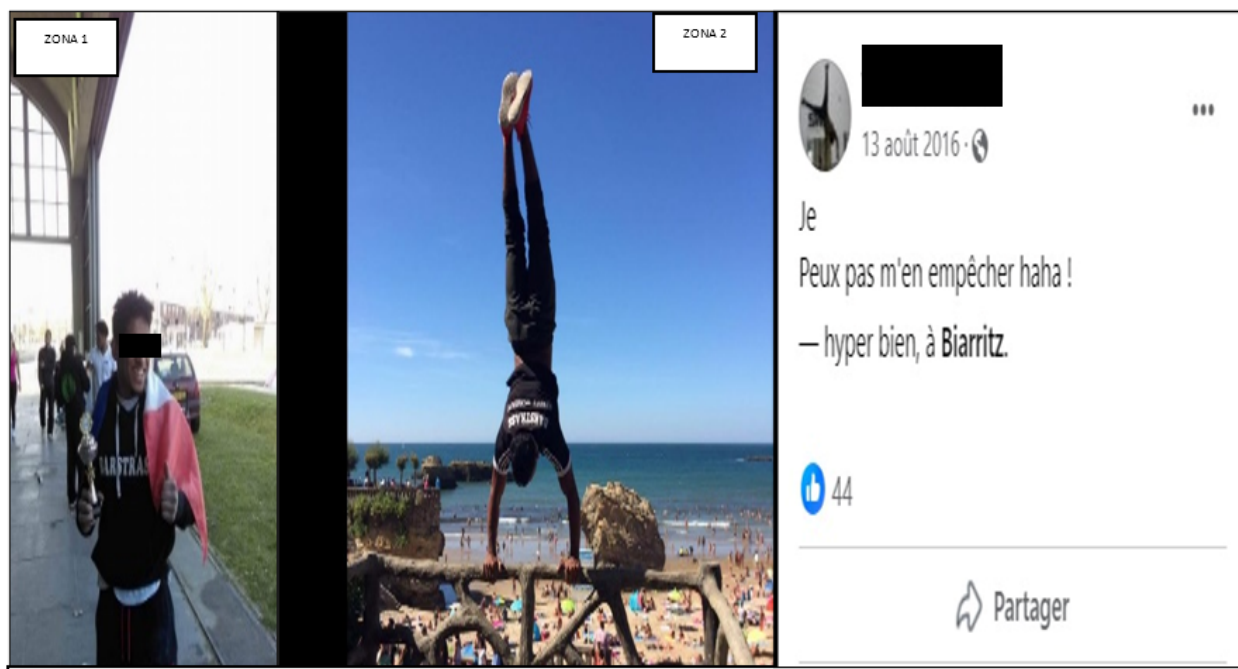
Nesse tipo de publicação, representativa de outras publicações, sempre encontramos essa combinação entre a figura em exibição e as mensagens que visam revelar o "segredo" do SW que exige trabalho árduo e constante.

Desde seu primeiro encontro com a academia, esse *freestyler* incansável, que personifica a evolução do SW, construiu uma carreira de "campeão" marcada por consistência e determinação infalíveis.

Esse ambiente de treinamento, que é muito mais adequado do que os cursos de saúde e outros aparelhos de condicionamento físico ao ar livre que são limitados para o SW, levou-o a ganhar seu primeiro título em março de 2016.

Mais do que uma prática que ele considera *esportiva*, ela se tornou uma atividade gratificante e o centro de gravidade de sua existência (Cf. Legenda da Figura 9).

Figura 9 - Ser um praticante de exercícios e viver para o SW



Fonte: Facebook (2016).

Legenda da análise de conteúdo da figura 9:

Zona 1- Varren com seu primeiro título conquistado na Holanda em 2016 (fonte: Facebook: 28/03/16)

Zona 2 - Durante suas férias, Varren aproveitou a oportunidade e o cenário à beira-mar para criar uma parada de mão.

Na verdade, seu total comprometimento e sacrifícios colocam em segundo plano sua vida profissional cotidiana como eletricitista temporário, considerada uma atividade *banal*. Ele vê esse trabalho como um meio de sustentar sua paixão pelo SW.

Claramente, embora o SW possa parecer "livre", como os boxeadores observados por Wacquant (2002), a progressão e a profissionalização são acompanhadas por um investimento financeiro e material considerável na atividade e em torno dela. Entre eles, o smartphone e a compra de uma câmera profissional para melhorar a qualidade e a estética do seu conteúdo são essenciais.

Além disso, à medida que progride e procura se integrar ao microcosmo das *batalhas* nacionais e internacionais (Cf. Legenda da Figura 10), ele também precisa

brilhar usando as redes sociais para construir um capital de credibilidade e legitimidade em que as noções de *carisma* e *estilo* estão ligadas.

Figura 10 - Participe de torneios no exterior e entre para a "família de exercícios de rua" internacional



Fonte: Instagram (2017).

Legenda da análise de conteúdo da figura 10:

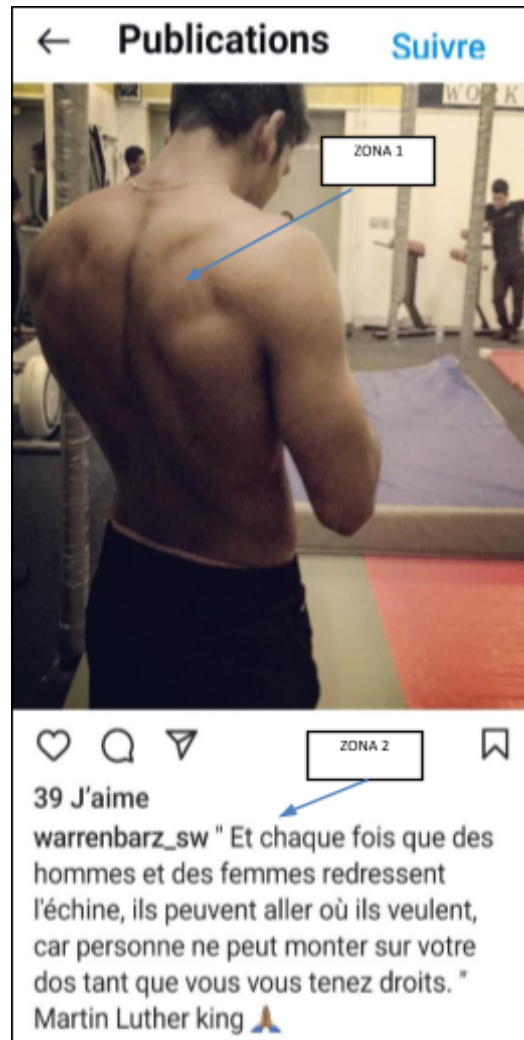
Zona 1 - Varren exibe seus troféus conquistados na Holanda, junto com um saco de BCAAs (aminoácidos) e outros prêmios, como é comum em outros torneios. (Fonte: Facebook: 03/09/17)

Zona 2 - Varren na companhia de uma "família de exercícios de rua" em Londres, onde foi convidado a participar de um torneio.

Ao se definir em determinados conteúdos (Cf. Legenda da Figura 11) como *negro e orgulhoso disso*, Varren destaca seu corpo em determinados ambientes, mas também sua identidade masculina. Seus ângulos de câmera e enquadramento são

inspirados em diferentes conteúdos de SW e outras práticas corporais que ele encontra na Internet.

Figura 11 - Expor seu corpo e suas costas como um sinal de resistência



Fonte: Facebook (2016)

Legenda da análise de conteúdo da Figura 11:

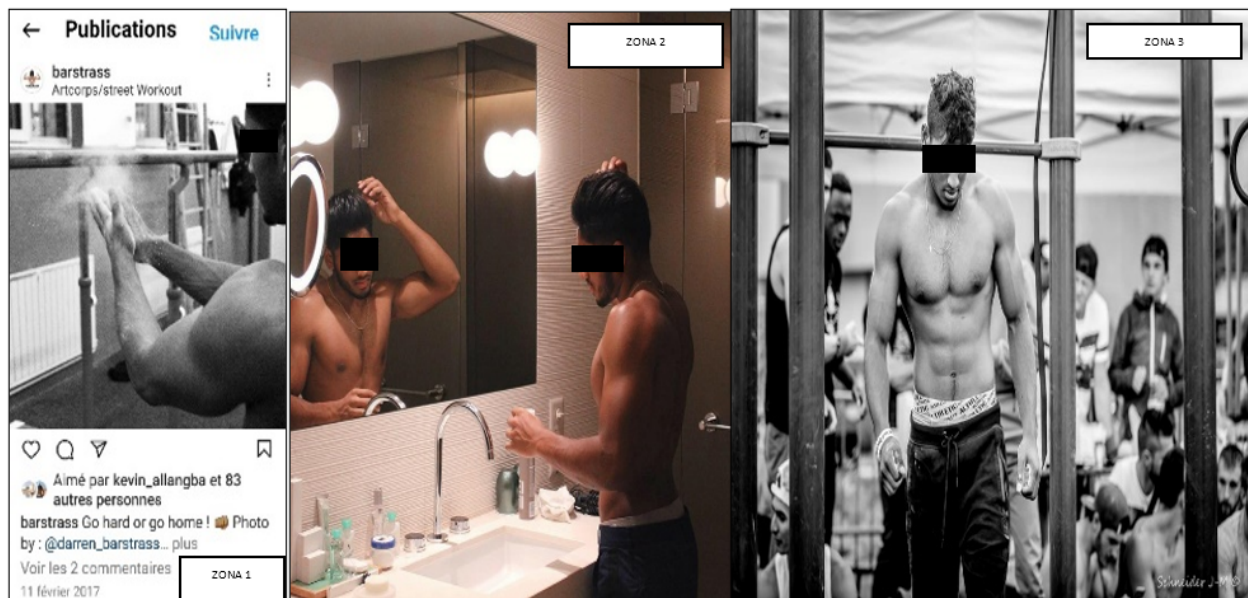
Zona 1 - Os músculos das costas, como o grupo muscular central do SW, têm um alto valor simbólico e estético.

Zona 2 - Essa citação se refere à identidade de Warren e seu desejo de resistência e emancipação.

Como resultado, seu comportamento e suas publicações incorporaram uma forma de distinção entre *workouters* "amadores" e "competitivos". De fato, por meio de consultoria, publicação e interação, Varren desenvolveu a capacidade de expor seu corpo de forma estética e artística para expressar seu pronunciado senso de estilo. Antes reservado e sem confiança, o SW em suas dimensões corporal e digital permite que ele se afirme, se expresse e "se *faça desejado*".

Esse autotreinamento em fotografia sensível, empática e emocional é explicado pela produção e edição de conteúdo que ele aprendeu no trabalho. Ele também se inspira em torneios, nos quais fotógrafos amadores e profissionais costumam participar para imortalizar suas façanhas (Cf. Legenda da Figura 12).

Figura 12 - Capturar, moldar e mostrar o carisma do atleta de SW



Fonte: Instagram (2017).

Legenda Análise de conteúdo da Figura 12:

Zona 1 - Com seu mantra "vá com força ou vá para casa", a foto destaca os feixes musculares e o ritual dos *workouters* que dão tapinhas nas mãos com magnésia antes do treino. (Fonte do Instagram: 11/02/17)

Zona 2 - Varren penteia o cabelo em frente ao espelho para mostrar que o praticante de exercícios deve ter estilo e estar bem arrumado em todas as circunstâncias. (Fonte do Facebook: 03/10/18)

Zona 3 - Varren, capturada por um fotógrafo em um torneio na Bélgica, é destacada pelo contraste na imagem. O foco está em seu torso, suas roupas e o título "Determination" (Fonte do Instagram: 22/07/17).

Dessa forma, o conteúdo pode ser "sério", mas também pode ser tingido de humor e de um desejo de mostrar *os fracassos* como uma fonte de aprendizado para o sucesso futuro. Isso reflete o espírito ascético, *divertido* e autêntico do SW. Ao contrário dos *workouters* com pouca experiência ou de nível inferior, eles não se entregam a "*cortes*", ou seja, evitam modificar fotos e vídeos para enganar os outros sobre suas habilidades e suas realidades.

As publicações estão se tornando um meio de profissionalização em um SW que não é oficialmente reconhecido. Adotando uma abordagem autônoma na área de Estrasburgo, esse jovem, apesar de não ter um diploma de instrutor esportivo, usa sua experiência como competidor e seus recursos estéticos - rosto e musculatura atraentes - para promover ativamente o SW. Ele oferece seus conhecimentos técnicos gratuitamente e em troca de várias formas de remuneração (patrocínio, assinaturas, despesas etc.).

Trabalhando com ginásios esportivos, empresas de mobiliário urbano esportivo, autoridades locais e indivíduos que desejam voltar à forma, ele compartilha seu conhecimento e conselhos sobre o SW, ajudando a aumentar a popularidade desse esporte (Cf. Legenda da Figura 13).

Figura 13 - Entre o coaching e a promoção: os caminhos para a profissionalização para viver do SW



Fonte: Instagram (2018).

Legenda Análise de conteúdo da Figura 13:

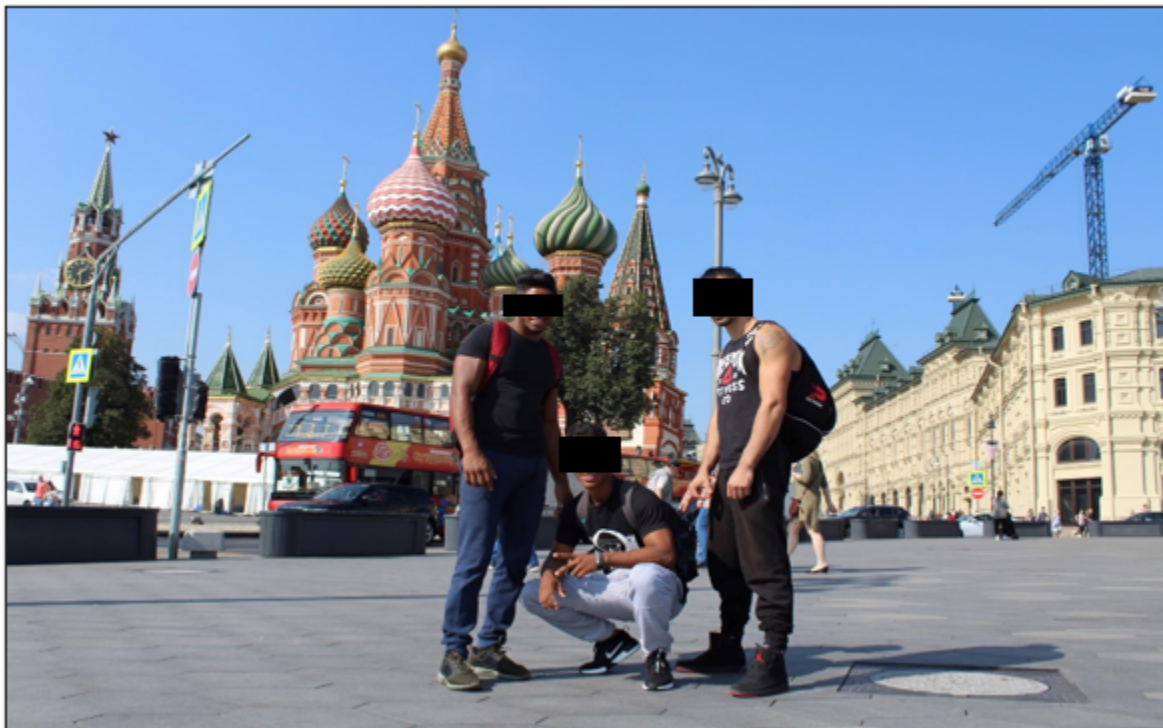
Zona 1: Varren compartilha seu programa e rotina de treinamento nas redes sociais, dando uma visão de seus métodos e disciplina (fonte do Facebook: 03/04/18).

Zona 2: Como atleta, Varren participou da inauguração de um parque *de exercícios de rua* com uma demonstração em uma cidade na região de Estrasburgo (Fonte: Facebook: 24/07/19)

Zona 3: Varren posa para o Fitness Park, realizando uma elevação frontal, um truque exigente que mostra sua agilidade e força.

A temporada 2018/2019 anuncia um ponto de virada decisivo. Depois de participar de vários torneios de prestígio na Europa, ele continua a progredir no mesmo ritmo, com base em treinamento incansável e abnegação adquirida com muito trabalho. Essa perseverança o levou a participar do campeonato mundial de estilo livre de SW, onde terminou em 16º lugar entre 40 atletas. Além das fotos que guardou dessa viagem (Cf. Figura 14), por ele exibidas com orgulho como testemunho de suas fortes lembranças emocionais, ele tem uma mensagem a transmitir: apesar da ilegitimidade do SW, o mais importante é manter seus sonhos e acreditar em si mesmo!

Figura 14 - Do salão *Artcorps* até o campeonato mundial de estilo livre em Moscou, há apenas um bar!



Fonte: Facebook (2018).

Conclusão: entre a tradição e a inovação, o SW como reflexo da evolução social e das relações com o corpo

O SW, em um contexto pós-covid marcado por inúmeras mudanças (clima, guerras, política...) e o advento da inteligência artificial, simboliza muito mais do que uma simples busca superficial pela aparência corporal. Ela incorpora resistência, realização e adaptabilidade, tanto física quanto mental. Essa prática e cultura física, um reflexo invertido da cultura da "academia" e que representa uma versão condensada das culturas populares preferidas pelos jovens, incentiva as pessoas a superarem suas dificuldades pessoais e a alcançarem a realização pessoal. O SW em um contexto social em que o ideal do corpo "perfeito" está sendo cada vez mais questionado, principalmente com o movimento *body positive* na Internet, destacando uma aceitação crescente da diversidade de tipos de corpo.

Diante de novos desafios na França, exacerbados por eventos como os Jogos Olímpicos e as transformações urbanas, a busca do movimento SW continua à medida

que ele se adapta a diferentes territórios e populações. Uma combinação de manutenção do corpo, esporte, arte e jogo, tomando emprestado e mobilizando uma variedade de influências culturais, o SW está posicionado entre a emancipação e a resistência em face da alienação de uma cultura de pavilhões esportivos tradicionais e seu conteúdo, bem como de uma sociedade marcada pelo individualismo e pela violência excessivamente mediada.

Como uma forma de educação popular, o SW se torna um vetor de desenvolvimento pessoal, bem-estar, socialidade, ajuda mútua e agentividade. A digitalização do corpo, nesse contexto, não se limita a uma simples exibição, mas torna-se um meio de construir a si mesmo, criar vínculos sociais e agir em um mundo complexo.

A partir daí, por meio do autotreinamento entre o indivíduo e o coletivo, as redes sociais são plataformas essenciais com profunda influência sobre o SW e seu desenvolvimento.

Por um lado, a disseminação maciça de conteúdo torna o SW um verdadeiro *esporte de rede*, em constante evolução não apenas em termos técnicos e tecnológicos, mas também em termos de popularidade global e intercâmbio cultural. Entre as dimensões física e virtual, essas redes formam um ciclo retroativo que se alimenta das experiências individuais e coletivas, contribuindo assim para a dinâmica perpétua do SW.

Por outro lado, essas plataformas oferecem aos *workouters* um espaço para se expressarem, desabrocharem e se realizarem como indivíduos "carismáticos" capazes de ultrapassar os limites de seus corpos e de suas vidas. Nesse sentido, o SW e as redes sociais definem e enquadram um rito de passagem para esses jovens. Elas permitem que eles transcendam sua condição inicial e forjem uma identidade para si mesmos por meio de treinamento físico e exposição digital. Além disso, guiados por um senso de *faça você mesmo* e uma filosofia de estilo livre, as redes sociais se tornam o veículo para transformar essa paixão em um *trabalho de paixão*, sinônimo de liberdade e escolhas de estilo de vida.

Em última análise, essa exploração não termina aqui, mas continua sendo um caminho aberto para outras perspectivas sobre o vasto território de SW.

Referências

- APPADURAI, Arjun. **Modernity at large: cultural dimensions in globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- ATKINSON, M. Entering scapeland: Yoga, fell and post-sport physical cultures. **Sport in Society**, v. 13, n. 7-8, 2010. <https://doi.org/10.1080/17430431003780260>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- BECKER, H. S. Sur le concept d'engagement. **SociologieS**, 2006. <https://doi.org/10.4000/sociologies.642>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- BECKER, H. S.; FAULKNER, R. R. The Jazz Repertoire. **Sociologie de l'Art**, v. 8, n. 1, p. 13, 2006. <https://doi.org/10.3917/soart.008.0013>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- BERRY, V. Ethnographie sur Internet: Rendre compte du "virtuel". **Les Sciences de l'éducation - Pour l'Ère nouvelle**, v. 45, n. 4, 2012. <https://doi.org/10.3917/lsdle.454.0035>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- BEY, S. An Autoethnography of Bodybuilding, Visual Culture, Aesthetic Experience, and Performed Masculinity. **Visual Culture & Gender**, v. 9, p. 31-47, 2014. <https://vcg.emitto.net/index.php/vcg/issue/view/9>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- BLANC, C. Digital identity and social networks. In: MUTELET, V.; VASSEUR-LAMBRY, F. (Eds.). **Qui suis-je ? Dis-moi qui tu es: L'identification des différents aspects juridiques de l'identité**. Paris: Artois Presses Université, 2021. p. 121-130. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.apu.23598>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- BOLENS, G.; MUELLER, A. Street workout, savoir kinésique et vidéos en ligne. In: NORDERA, M. et al. (Eds.). **Pratiques de la pensée en danse: Les Ateliers de la danse**. Paris: L'Harmattan, 2020. p. 93-111.
- BOURDIEU, P. **La distinction: Critique sociale du jugement**. Paris: Éditions de Minuit, 1979.
- BROMBERGER, Christian. **Passions ordinaires: football, jardinage, généalogie, concours de dictée--**. Paris: Hachette Littératures, 2002.
- CAILLÉ, A. Jouer/Donner. **Revue du MAUSS**, v. 41, n. 1, 2013. <https://doi.org/10.3917/rdm.041.0241>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- CARPIGO, E.; PRADO, H. Pratiques esthétiques: Tisser des liens grâce au soin de l'apparence. **Ethnologie française**, v. 53, n. 3, p. 389-401, 2023. <https://doi.org/10.3917/ethn.233.0389>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- CRETIN, S. **La transmission des savoirs du skateboard à l'épreuve des nouvelles technologies de l'information et de la communication**. 2007. Tese (Doutorado) - Université de Franche-Comté, Besançon, 2007. Disponível em: <https://www.theses.fr/2007BESA1019>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- CROSSLEY, N. The Circuit Trainer's Habitus: Reflexive Body Techniques and the Sociality of the Workout. **Body & Society**, v. 10, n. 1, 2004. <https://doi.org/10.1177/1357034X04041760>. Acesso em: 18 ago. 2026.

- DAHANE, A. En quête de street workout: Ethnographie d'un spot de référence forgé dans un quartier populaire strasbourgeois. *Sciences sociales et sport*, v. 20, n. 2, 2022. <https://doi.org/10.3917/rsss.020.0111>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- DAHANE, A. *En quête de Street Workout: Ethnographie d'un sport de référence comme "art de résistance" et d'éducation populaire dans un quartier populaire strasbourgeois*. 2023. Tese (Doutorado) - Université de Strasbourg, 2023. Disponível em: <https://www.theses.fr/s270195>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- DAHANE, A. Le Street Workout comme "spot" d'éducation informelle et d'apprentissages par corps dans un quartier populaire strasbourgeois. In: BOIS, G.; SINIGAGLIA-AMADIO, S. (Eds.). *Aux marges de l'institution scolaire: L'éducation dans et hors la classe*. Toulouse: Octarès Éditions, 2024. p. 173-201.
- DARMON, M. Variations corporelles: L'anorexie au prisme des sociologies du corps. *Adolescence*, v. 56, n. 2, 2006. <https://doi.org/10.3917/ado.056.0437>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- DELBOS, Geneviève; JORION, Paul. *La transmission des savoirs*. Paris : Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1990.
- DESCAMPS, Y.; VACHERON, I. Où le ghetto (se) joue. *Géographie et cultures*, n. 88, 2013. <https://doi.org/10.4000/gc.3088>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- DUMAZEDIER, J. Pratiques Sociales D'Autoformation Et Temps Libre D'Aujourd'Hui. *Loisir et Société / Society and Leisure*, v. 9, n. 2, 1986. <https://doi.org/10.1080/07053436.1986.10753642>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *Sport et civilisation: la violence maîtrisée*. Paris: Fayard, 1994.
- FAURE, S. Institutionnalisation de la danse hip-hop et récits autobiographiques des artistes chorégraphes. *Genèses*, v. 55, n. 2, 2004. <https://doi.org/10.3917/gen.055.0084>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- FEATHERSTONE, M.; TURNER, B. S. Special issue: Body modifications. *Body and Society*, v. 5, n. 2-3, 1999.
- FISKE, J. *Understanding Popular Culture*. Nova York: Routledge, 2010.
- FLICK, U. *The SAGE Handbook of Qualitative Data Collection*. Thousand Oaks: SAGE Publications Ltd, 2018.
- GEERTZ, C. La description dense: Vers une théorie interprétative de la culture. *Enquête*, n. 6, 1998. <https://doi.org/10.4000/enquete.1443>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- GLAUSER, J. L'image d'une ville, regard sur la pratique du skate à Tokyo. *ethnographiques.org*, n. 20, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/download/79261620/ethnographiques_2010_Glauser.pdf. Acesso em: 18 ago. 2026.
- GOFFMAN, E. *Les relations en public*. Paris: Éditions de Minuit, 1990.
- GRIGNON, C.; PASSERON, J.-C. *Le savant et le populaire: Misérabilisme et populisme en sociologie et en littérature*. Paris: Gallimard: Seuil, 1989.
- HALL, S. et al. Codage/décodage. *Réseaux. Communication - Technologie - Société*, v. 12, n. 68, p. 27-39, 1994. <https://doi.org/10.3406/reso.1994.2618>. Acesso em: 18 ago. 2026.

- HALL, S. Popular culture, politics and history. *Cultural Studies*, v. 32, n. 6, p. 929-952, 2018. <https://doi.org/10.1080/09502386.2018.1521623>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- HEBDIGE, Dick. *Sous-culture: le sens du style*. Paris: Zones, 2008.
- JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Ed.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003. p. 45-78. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/puf.jodel.2003.01.0045>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- KAUFFMANN, I. Compétitions dansées et globalisation culturelle. *Journal des anthropologues*, n. 120-121, 2010. <https://doi.org/10.4000/jda.4312>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- KIDDER, J. L. Parkour, The Affective Appropriation of Urban Space, and the Real/Virtual Dialectic. *City & Community*, v. 11, n. 3, 2012. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6040.2012.01406.x>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- LEBRETON, F. et al. Cultures urbaines et activités physiques et sportives. La "sportification" du parkour et du street golf comme médiation culturelle. *Canadian Review of Sociology/Revue Canadienne de Sociologie*, v. 47, n. 3, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1755-618X.2010.01239.x>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- LECHBY, F.; ROBÈNE, L. Corps et activités sportives dans l'espace urbain. Le cas du street workout à Bordeaux. Une approche socio-anthropologique de l'éducation physique. *Études caribéennes*, n. 45-46, 2020. <https://doi.org/10.4000/etudescaribeennes.18646>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- LEFEBVRE, S.; ROULT, R.; AUGUSTIN, J.-P. *Les nouvelles territorialités du sport dans la ville*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2013.
- LESOURD, F. *L'homme en transition: Éducation et tournants de vie*. Paris: Economica Anthropolos, 2009.
- MAQUET, J. J. *L'anthropologue et l'esthétique: Un anthropologue observe les arts visuels*. Paris: Éditions Métailié, 1993.
- MAUSS, M. *Les techniques du corps*. *Journal de psychologie*, v. 32, n. 3-4, 1936.
- MUELLER, A. Construire le street workout, faire le genre: Snapshots ethnographiques sur le bricolage identitaire engagé par les pratiquant-e-s de "fitness des rues". *Sciences sociales et sport*, v. 9, n. 1, 2016. <https://doi.org/10.3917/rsss.009.0047>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- PERERA, É. *Emprise de poids: Initiation au body-building*. Paris: L'Harmattan, 2017.
- PIETTE, A. *Ethnographie de l'action: L'observation des détails*. Paris: Éditions Métailié, 1996.
- PINK, S. Going Forward Through the World: Thinking Theoretically About First Person Perspective Digital Ethnography. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, v. 49, n. 2, p. 239-252, 2015. <https://doi.org/10.1007/s12124-014-9292-0>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- PRÉVITALI, C. et al. Le parkour: Approche ethnographique de communautés juvéniles de loisirs dans la ville. *Agora débats/jeunesses*, v. 68, n. 3, 2014. <https://doi.org/10.3917/agora.068.0085>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- QUIDU, M. Le Mixed Martial Arts, entre innovation et hybridation: Genèse et développement techniques d'un sport de combat de synthèse. *Sciences sociales et*

- sport, v. 13, n. 1, p. 137-185, 2019. <https://doi.org/10.3917/rsss.013.0137>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- RIFFAUD, T. Construire son propre spot: La philosophie Do it yourself dans les sports de rue. **Espaces et sociétés**, v. 175, n. 4, p. 163-177, 2018. <https://doi.org/10.3917/esp.175.0163>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- SOULÉ, B. et al. La numérisation de l'activité physique et des loisirs corporels: Enjeux individuels et sociaux du "sport connecté". **Loisir et Société / Society and Leisure**, v. 45, n. 3, p. 454-465, 2022. <https://doi.org/10.1080/07053436.2022.2140970>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- TOSCANO, J. Parkour as a Visual Urban Subculture: An Aesthetic Understanding of its Performative Scope. **Liminalities**, v. 16, n. 4, 2020. Disponível em: <http://liminalities.net/16-4/parkour.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2026.
- VALET, G. **Le sens sexué d'une pratique sportive extrême: Le cas des pratiquants de bodybuilding**. 2014. Tese (Doutorado) - École des hautes études en sciences sociales, Paris, 2014.
- VAN GENNEP, A. **Les rites de passage: Étude systématique des rites**. Paris: Picard, 2011.
- WACQUANT, L. **Corps et âme: Carnets ethnographiques d'un apprenti boxeur**. Marseille: Agone, 2002.
- WEBER, M. **Économie et société**. Paris: Pocket, 2003.

Recebido: 28 nov 2025
Aceito: 28 jul 2026